



2018

ISSN: 2359-6597

A COMPREENSÃO DE ESSÊNCIA NA FILOSOFIA ARISTOTÉLICA SEGUNDO XAVIER ZUBIRI¹

Jairo Vieira da Silva Junior*

Resumo: O presente artigo tem por finalidade apresentar a temática sobre a essência na filosofia aristotélica sob a interpretação de Xavier Zubiri (1898-1983). Para tanto, far-se-á o percurso filosófico elaborado pelo filósofo basco desde o seu tratado *Sobre a essência*, obra de um período denominado como de sua ‘maturidade filosófica’, para daí colher os resultados de sua investigação. Tendo Aristóteles como seu interlocutor, Zubiri faz ver que, no estagirita, a essência será o correlato real da definição. Para se chegar a esta afirmação, há de se realizar um percurso argumentativo que se desdobra, primeiramente, na compreensão prévia de essência que o próprio Zubiri tem para, em seguida, adentrar na temática aristotélica.

Palavras-chave: Essência. Correlato da definição. Metafísica. Filosofia aristotélica. Xavier Zubiri.

Considerações iniciais

No início de sua obra *Sobre a essência*², Xavier Zubiri nos diz que a especulação filosófica sobre esta temática é um dos pontos nodais de toda filosofia metafísica³. Originalmente, o termo essência, na filosofia aristotélica, corresponde ao termo *οὐσία* (*ousía*,

¹ A gênese deste estudo provém de recortes (adaptados) do trabalho de conclusão de curso (licenciatura em filosofia), de modo particular, na compreensão de essência na filosofia aristotélica, apresentado diante da banca examinadora e da comunidade acadêmica em dezembro de 2016 na Faculdade Palotina - FAPAS. Estas não são as primeiras, muito menos as últimas palavras acerca desta temática, mas um convite à leitura e aprofundamento (SILVA JUNIOR, 2016, p. 10-15).

* Licenciado em Filosofia pela Faculdade Palotina - FAPAS. Acadêmico do IV semestre do Curso de Teologia da mesma instituição. E-mail: jairovieirasilva@gmail.com

² A tradução da obra *Sobre la esencia* (1963) é nossa.

³ “O vocábulo latino *essentia* é um termo culto; é o abstrato de um suposto participio presente *essens* (essente) do verbo *esse* (ser)” (ZUBIRI, 1963, p. 3).

significando, primariamente, ‘substância’). Esta, por sua vez, aparece “[...] como sentido radical da realidade” (ZUBIRI, 2010, p. 125), ou seja, a ultimidade das coisas⁴.

Por isso, nosso labor consiste em analisar, partindo da compreensão zubiriana, o que Aristóteles entendeu por essência. Para atingir tal fim, é necessário ter a obra do filósofo basco - *Sobre a essência* - diante de nosso horizonte de argumentação, pois é na primeira parte de seu tratado que se desenvolve a sua consideração sobre esta temática, sendo seu interlocutor, de modo geral, toda a história da filosofia.

Para uma melhor tentativa de apreensão do conteúdo exposto, faz-se necessário observar algumas proposições iniciais sobre a essência, elencadas pelo próprio Zubiri (primeiro capítulo) e, posteriormente, orbitar na compreensão aristotélica da mesma (segundo capítulo). Neste último veremos que perpassa a ideia de essência como “[...] correlato real da «definição»” (ZUBIRI, 1963, p. 23). Iniciemos com uma delimitação propedêutica.

1 Delimitações propedêuticas

O filósofo basco procura inicialmente uma determinação geral do que irá tratar em *Sobre a essência*. Em geral, o vocábulo essência corresponde à pergunta sobre ‘o que é?’ ou ‘quê?’ é algo. A resposta a este ‘o que é?’ abarca a coisa real em sua totalidade e unidade interna onde, sem certas propriedades (ou notas), uma coisa deixaria de ser o que é. Esta unidade interna de notas não é aditiva, mas intrínseca à coisa mesma: “[...] todas essas notas são da coisa, e reciprocamente a coisa possui tais ou quais notas” (ZUBIRI, 1963, p. 15). Do que ficou dito, temos por resultado a indicação nominal: ‘é isto’. Esta resposta significa a coisa em sua totalidade.

Desta primeira dimensão aclarada acerca do vocábulo essência, surge uma segunda. As coisas não são apenas ‘isto’, mas José, animal, cachorro, etc. Assim, percebemos que este momento já não abarca a totalidade das notas, mas algumas, as quais constituem característica própria, sua ‘mesmidade’. Uma coisa é José e não um cachorro, um cavalo e não um gato, etc.

Numa terceira dimensão o filósofo basco procura expor o sentido estrito de essência. É neste estágio que a razão investiga não só pela nominação e denominação das coisas

⁴ “[...] o que Aristóteles, portanto, entendia por *ousia* é: o que é realmente real; não só o que é real *de fato* (o que seria antes objeto da ciência, como observou Zubiri com frequência), mas o *princípio* que faz que o que é realmente seja *real*. E isso Zubiri indica claramente o de toda investigação filosófica, fim que ele faz seu: *lo último de las cosas*; não ‘as coisas’ (ainda que estas sejam o único ponto de partida e o ponto de referência eventual de toda *teoria*), mas ‘o fundo das coisas’. Fundo último do ponto de vista da filosofia enquanto busca do homem - e princípio, começo, em sentido absoluto, do ponto de vista do que é realmente real: começo e fundamento necessário da necessidade e da atualidade” (CAPONIGRI apud SECRETAN, 2013, p. 57).

questionadas, mas perquire pelas notas que lhe sejam essenciais. A busca pela essência, assim, se dá na procura do conjunto unitário destas notas, e esta sua unidade se encontra em âmbito não só interno, mas primário e radical⁵:

Com o que aqui foi exposto, adentremos a ideia de essência circundante na filosofia aristotélica.

2 A compreensão de essência na filosofia aristotélica⁶

Na filosofia aristotélica há de se perceber que, como foi dito, a essência é o correlato real da definição. Desta intelecção nos provem uma ideia (*eidōs*) de essência. Analisemos estas constatações.

2.1 Essência: correlato real da definição

No entender de Xavier Zubiri, a essência, na filosofia aristotélica, está inscrita na realidade radical das coisas, em sua realidade última: a substância. É nesta realidade última que se encontra a essência. Portanto, a essência é ‘essência da substância’. Claramente nos diz Aristóteles: “[...] só existe essência das substâncias, ou que das substâncias existe um sentido fundamental, primeiro e absoluto” (ARISTÓTELES, 2013, 1031^a, p. 305).

No livro das *Categorias*, o filósofo estagirita expõe três considerações acerca do termo essência:

⁵ Acerca disso, o exemplo dado por Zubiri é o do caso do ser humano: “No exemplo clássico do homem como animal racional, diremos que se é animal e racional porque se é homem, e não que se é homem porque se é animal e racional. Animalidade e racionalidade são dois momentos em que está exaustivamente desenvolvido isso que chamamos ser homem. Portanto, a unidade da animalidade e da racionalidade não só é intrínseca, senão que é «primária». A essência é, pois, uma unidade primária necessitante. Claro está, a essência é então princípio de algumas outras notas necessárias da coisa, ainda que não lhe sejam estritamente essenciais. Neste aspecto, a essência é ademais a unidade primária, unidade principal (quando menos necessitante) do não essencial” (ZUBIRI, 1963, p. 18). Assim sendo, “[...] a concepção da essência em sentido estrito pressupõe a apreensão do ‘quê’ de algo na segunda dimensão, a denominativa. É, por sabermos de antemão, o que é a coisa (João, homem, cachorro, etc.), que podemos buscar o conceito estrito de sua essência” (SILVA JUNIOR, 2016, p. 11).

⁶ Para uma compreensão mais ampla sobre o que Xavier Zubiri entende por filosofia aristotélica, recomendamos a leitura de *Cinco Lições de Filosofia* (2012) (p. 51-90); ou, se preferir, a ideia de filosofia concebida por Aristóteles, recomendamos a obra *Natureza, História, Deus* (2010) (p.131-140). A modo introdutório, basta-nos dizer, na concepção grega, “filosofia significa o gosto, o amor pela sabedoria (*σοφία*) e pelo conhecimento, principalmente por esse conhecimento que se adquire mediante o exame ou a inspeção das coisas - um exame que os gregos chamaram de *theoría* (*θεορία*). Estes três conceitos (sofia, filosofia, teoria) estiveram sempre intimamente associados na mente grega” (ZUBIRI, 2012, p. 52). Com isso, em Aristóteles, pode ser apreendida a filosofia como forma de saber, como função intelectual, e como um tipo de atividade.

É evidente que aquele que indica a essência de alguma coisa indica às vezes uma substância, às vezes uma qualidade e às vezes uma das outras categorias, pois quando um homem é posto diante de nós e dizemos que o que temos diante de nós é um homem ou um animal, enunciamos uma essência e indicamos uma substância; mas quando a cor branca é colocada diante de nós e dizemos que o que temos diante de nós é branco ou uma cor, enunciamos uma essência e indicamos uma qualidade (ARISTÓTELES, 2010, p. 356-357).

E, lendo um dos dicionários de filosofia, encontramos a seguinte descrição:

O termo ‘essência’ [...] foi entendido de muitas maneiras diferentes. [...] Na medida em que Platão considerou as Ideias ou Formas como modelos e ‘realidades verdadeiras’, ele as viu como essências. Mas apenas com Aristóteles começa uma análise da ideia de essência. Em *Cat., S., 2 a 11ss.*, Aristóteles introduz o termo οὐσία, que por razões serão explicitadas a seguir às vezes foi traduzido por ‘substância’ e outras por ‘essência’. Enquanto substantivação do participio presente de εἶμι (εἶναι = ser), οὐσία designa algo como ‘o que é sendo’. Pode-se, pois, concluir que aqui se trata da noção de essência. Todavia, trata-se dela somente em um sentido. Com efeito, o termo οὐσία é vertido, de acordo com o *uso* que dele faz Aristóteles no texto citado, por ‘substância’. Mas a substância pode ser entendida em dois sentidos. Como substância primeira é o que nos é afirmado de um sujeito (por exemplo, o homem e o cavalo individuais). Como substância segunda é a espécie na qual está contida a substância primeira (por exemplo a espécie ‘homem’ ou a espécie ‘cavalo’). A substância primeira é a substância propriamente dita. A segunda é a essência (ou algo que forma parte da essência). Aristóteles parece supor (*op cit.*, 5, 2 b 8ss.) que há uma certa ‘continuidade’ entre as substâncias primeiras e segundas, ao menos na medida em que a espécie é ‘mais substância’ que o gênero, uma vez que está mais ‘perto’ da substância primeira. Mas, assim que as substâncias segundas são introduzidas, elas se expressam como predicados das primeiras. As substâncias segundas são, portanto, determinações, ou, se se preferir, ‘especificações’ das substâncias primeiras. Como tais, elas constituem suas essências ou, melhor, formam ou podem formar parte de suas essências (FERRATER MORA, 2001, p. 896).

Caminhando séculos adiante, a filosofia tomista, ao resgatar o termo substância da filosofia aristotélica (e permanecendo fiel às reflexões de Aristóteles), ao traduzir o termo para o latim - *substantia* -, proporciona uma compreensão literal de que é aquilo que ‘está-por-baixo-de’, ou aquilo que ‘é-suporte-de acidentes’, ou seja, é o sujeito, o *sub-stante* (ZUBIRI, 1963, p. 3). Leiamos o que o próprio Aquinate nos diz em seu opúsculo *O ente e a essência*:

Cumprir saber que, assim como diz o Filósofo no quinto livro da *Metafísica* (V, 7, 1017a, 22), o ente por si se diz de dois modos: de um modo que é dividido por dez gêneros; de outro, significando a verdade das proposições. [...] essência deriva do ente dito de primeiro modo. [...] E, visto que, como já se disse, o ente deste modo é dividido por dez gêneros, é preciso que a essência signifique algo comum a todas as naturezas, pelas quais os diversos entes são colocados em diversos gêneros e espécies, assim como a humanidade é a essência do homem e igualmente a respeito dos demais (AQUINO, 2013, p. 19).

Portanto, de tudo o que foi dito, numa perspectiva aristotélica, a essência corresponderia melhor àquilo que os medievais traduziram por *quidditas*, ‘o quê’ da substância, um correlato de sua definição⁷. A essência é o correlato da definição (não do conceito, como é o caso na filosofia moderna), onde esta sua determinação está apoiada na realidade⁸.

Esta via da definição, que também pode ser denominada por via do *logos*, é a via pela qual se apreende os predicados do sujeito (*sub-stante*), sejam eles notas essenciais ou acidentais, onde “[...] só expressam a essência de uma coisa aquelas definições nas quais o predicado convém ao sujeito por «si mesmo», sem que este sujeito entre formalmente no predicado, quer dizer, sem que o definido entre na definição” (ZUBIRI, 1963, p. 76)⁹.

Esta definição só ocorreria para entes naturais, posto que estes possuem geração e corrupção. Só estes possuem essência, em contraposição aos entes artificiais, que não possuem. Ainda, só de entes naturais substanciais (*ousia*) se pode indagar pela essência. Só da substância há, rigorosamente, definição¹⁰. Por isso, toda definição é “[...] o logos de uma substância” (ZUBIRI, 1963, p. 78).

Ainda nos resta responder a questão sobre a essência como momento real da substância. É basilar compreendermos que a essência não é idêntica à substância, mas, como já foi dito, um momento desta.

A diferença entre essência e substância não está dentro dos princípios substanciais enquanto tais, senão noutra parte, para descobrir o qual basta observar a geração natural das substâncias. Quando Sócrates engendra um filho, por muito distinto que seja individualmente de seu pai, será sempre, igual a este, um ser «humano». Este caráter de «humano» é, pois, um caráter «específico». [...] este momento real de mesmidade específica é justo a essência do homem. Nela entra a matéria tanto como a forma, mas de um modo sumamente especial: não é «esta» matéria senão «a» matéria. [...] a diferença entre essência e substância não é uma diferença entre

⁷ “[...] devemos dizer que tanto a definição como o que é das coisas podem ser ditos de múltiplos significados. De fato, o ‘que é’ significa, num sentido, a substância e algo determinado, noutra sentido significa cada uma das outras categorias” (ARISTÓTELES, 2013, 1030^a, p. 299). Segundo o *Léxico de Metafísica*, a quiddidade “é a realidade em torno da qual gira a pergunta: que coisa é? (em latim, *quid*), cuja resposta é formulada numa definição. Equivale a essência ou, mais em geral, a determinação, enquanto ao aparecer de qualquer tipo de realidade se pode e se deve propor a pergunta: que coisa é? A obtenção da resposta na qual é formulada a quiddidade tem vários métodos. O método clássico é o da abstração [...]” (MOLINARO, 2000, p. 113).

⁸ “[...] a essência é o «quê», o tí de algo, e a resposta à pergunta de quê é algo, é, para Aristóteles, justamente a definição” (ZUBIRI, 1963, p. 75).

⁹ “A definição da essência de uma coisa é só a que exprime a coisa sem incluí-la na própria definição” (ARISTÓTELES, 2013, 1029^b p. 297). “Assim, «animal» convém a Sócrates pelo que este é por si mesmo, a saber, por ser homem, mas não assim «músico» porque lhe é algo acidental. Os predicados de uma definição pertencem todos ao primeiro tipo” (ZUBIRI, 1963, p. 76).

¹⁰ “[...] por ser sujeito último de predicação, só da substância podem ser predicadas notas pelo que ela é por si mesma, sem que o definido entre na definição” (ZUBIRI, 1963, p. 78). No quarto significado de substância, Aristóteles nos diz que “[...] chama-se substância de cada coisa também a essência, cuja noção define a coisa” (2013, p. 217)

forma e composto substancial, senão entre composto substancial específico e composto substancial individuado. Os caracteres que sobrevivem à essência são estes momentos individuantes (ZUBIRI, 1963, p. 79, grifo nosso).

Assim, “a essência como momento real da substância é, pois, seu físico momento de especificidade. E todos os caracteres inespecíficos - sejam acidentais ou momentos individuantes - são, para Aristóteles, inessenciais” (ZUBIRI, 1963, p. 80). Para dar continuidade a esta exposição, o filósofo basco ressalta a importância do significado do termo *eidós* na filosofia do estagirita.

2.2 Essência e *eidós*

Podemos ter uma prévia apreensão do termo *eidós* na filosofia grega a partir de um exemplo que o próprio Zubiri expõe em *Natureza, História, Deus*:

Suponhamos que nos é mostrada uma taça de vinho. Tomamo-la por tal. Mas acontece que não o é: é vinho falsificado. Que quer dizer isso? Para o compreendermos, refletimos sobre como retificamos nosso erro. Apelamos para um líquido que seja indubitavelmente autêntico, isto é, apresente todos os traços e características peculiares do vinho. Ou seja, nosso erro se funda em que o vinho, *ele*, é falso, e é falso porque apresenta um aspecto enganoso, ocultando seu aspecto verdadeiro. *Parece* vinho, mas não o é. Para retificar o erro, obrigamos o líquido em questão a revelar seu aspecto verdadeiro, e o comparamos com o aspecto que oferecia antes o vinho. Tudo isso supõe, pois, que de uma ou de outra forma o que chamamos *as coisas* é constituído pelo conjunto de traços fundamentais que as caracterizam. Por isso, é possível que *pareçam* uma coisa e *sejam* outra. Essa espécie de ‘fisionomia’ ou ‘aspecto’ é o que o grego chamou *eidós*, literalmente figura” (2010, p. 71, grifo do autor)¹¹.

Dito isto, do *eidós* ser a figura verdadeira das coisas, retornemos à nossa questão. O *eidós* possui dois sentidos na filosofia aristotélica. Num primeiro, este remontaria à ideia de essência como momento real e físico da coisa, onde forma e matéria são partes da coisa. E, num segundo sentido, ter-se-ia como correlato real da definição¹². O ponto de convergência entre estes dois aspectos se dá na especificidade. Por isso, em Aristóteles, “[...] *a essência é o*

¹¹ Ainda, Ferrater Mora nos atesta que “o termo ‘eidético’ pode ser entendido [...] Sendo para Platão, o εἶδος das coisas a imagem que estas oferecem quando são contempladas na visão, e a ἰδέα a imagem do que são verdadeiramente, o caráter eidético será próprio das essências” (2001, p. 806). Referindo-se à concepção de *eidós* em Platão, Zubiri nos diz que a mesma “[...] não significa primariamente, como hoje, um ato mental, nem o conteúdo de um ato mental, mas o conjunto desses traços fisionômicos ou *característicos* do que uma coisa é. Algo, pois, que está na própria coisa, seus próprios traços” (2010, p. 72, grifo do autor).

¹² “A espécie, como definida, está composta por duas «notas» (gênero e diferença); mas cada uma delas não é uma «parte» da coisa, senão um aspecto de «toda» a coisa inteira: o gênero é toda a coisa como determinável, a diferença toda a coisa como determinante, e a espécie, o gênero determinado por uma diferença. Aqui a essência não é formalmente um momento físico da coisa, senão uma unidade metafísica «definida»” (ZUBIRI, 1963, p. 81).

específico, seja como momento físico, seja como unidade definida” (ZUBIRI, 1963, p. 82, grifo nosso).

Por isso, para Aristóteles, a essência tem uma função precisa: “[...] a essência seria o *princípio de especificidade da substância*” (ZUBIRI, 1963, p. 93, grifo nosso)¹³.

Considerações finais

Ao decorrer destas páginas procuramos, brevemente, esboçar a compreensão de essência na filosofia aristotélica sob a ótica zubiriana. Sendo a filosofia aristotélica, em sua busca pela realidade, a procura pela ultimidade das coisas, sua substância, a mesma se depara com a questão sobre a essência.

Partindo de uma visão externa, ou seja, que vai de fora para dentro das coisas, a filosofia aristotélica chega à intelecção da essência como um momento (não um momento qualquer) da substância. A essência é essência da substância. E, intelectivamente, é a que corresponde à perquirição de ‘que coisa é?’. Por isso, desde o início, nos questionamos pela realidade última das coisas e, especialmente, por seu momento fundamental.

Este momento fundamental é desdobrado pela via do *logos*. Disto se chega à compreensão de essência como correlato real da definição. Esta abordagem, que é extremamente válida e segura, deixa em aberto uma segunda via, que parte de dentro para fora, da constituição intrínseca das coisas. É a via empreendida por Zubiri, a qual não será apresentada neste artigo. Todavia, fazemos o convite para a leitura sobre a temática da metafísica da realidade, desenvolvida pelo filósofo basco desde seu tratado *Sobre a essência*.

Referências

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2013. v.2.

_____. **Órganon**: Categorias, Da interpretação, Analíticos anteriores, Analíticos posteriores, Tópicos, Refutações sofísticas. Bauru: Edipro, 2010.

AQUINO, Tomás de. **O ente e a essência**. Petrópolis: Vozes, 2013.

¹³ No entanto, para Zubiri, o problema da concepção de uma essência desta forma consiste na dualidade das vias empreendidas por Aristóteles: a da predicação (*lóγος*) e a da natureza (*φύσις*): “[...] as duas vias estão sempre presentes. E como são radicalmente distintas e independentes, resulta que é muito difícil que conduzam a um conceito unitário daquilo que se busca” (ZUBIRI, 1963, p. 82), tornando-se difícil de compreender suas exposições.

EIDÉTICO. In: FERRATER MORA, José. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001. v.2.

QUIDIDADE. In: MOLINARO, Aniceto. **Léxico de Metafísica**. São Paulo: Paulus, 2000.

SECRETAN, Philibert (Org.). **Introdução ao pensamento de Xavier Zubiri (1898-1983): por uma filosofia de realidade**. São Paulo: É Realizações, 2013.

SUBSTÂNCIA. In: FERRATER MORA, José. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001. v.4.

SILVA JUNIOR, Jairo Vieira da. **A essência como momento último e fundante da realidade segundo Xavier Zubiri**. 2016. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Filosofia) - Faculdade Palotina (FAPAS), Santa Maria.

ZUBIRI, Xavier. **Sobre la esencia**. Madrid: Sociedad de Estudios y Publicaciones, 1963.

_____. **Cinco lições de filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2012.

_____. **Natureza, História, Deus**. Prefácio de Joathas Bello, tradução Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2010.